

## APRESENTAÇÃO

### HISTÓRIAS DA LITERATURA INFANTIL

Mitizi Gomes (UFPel)<sup>1</sup>

Maria Eunice Moreira (PUCRS)<sup>2</sup>  
(orgs.)

Quando propusemos a organização de um número de *Caderno de Letras* sobre a temática “histórias da literatura infantil”, decidimos que o volume acolheria trabalhos que abordassem múltiplas perspectivas teórico-metodológicas em interlocução com distintas áreas do conhecimento sobre essa área de estudos. A proposta teve êxito, porque recebemos uma variedade de escritos de pesquisadores de formações variadas, para enriquecer ainda mais a discussão acerca desse tema tão específico - a literatura infantil.

O mosaico composto pelos textos, de certa forma, discute a mobilidade das fronteiras desse gênero artístico-literário, nos mostrando que é possível construir uma história que enfoque os diferentes sistemas que o compõem. Se há, tal qual a hipermídia, uma gama de entradas para começarmos uma reflexão sobre a literatura infantil, não há uma regra para trilhar seus caminhos, pois o gênero em questão constitui-se por uma estrutura não convencional e, portanto, capaz de dar ao pesquisador certa liberdade no trato com o objeto. Por distintos vieses a literatura infantil mostra-se, então, como híbrida, o que, por vezes, pode causar a ela uma dificuldade em se fundamentar como gênero literário, ou, ainda, fundamentar um *locus* específico.

Ao longo da história, por suas características e relações com outras áreas do conhecimento, a literatura infantil não transitou por entre os espaços da literatura adulta, ainda que se possa utilizar as mesmas bases teóricas para sua análise, o que resultou na construção de um nicho próprio de estudos. Atualmente, com as significativas mudanças estruturais do gênero, muitas são as perspectivas de investigação destinadas a ele, o que resulta numa historiografia literária escrita no plural (conforme OLINTO, 1996)<sup>3</sup> e afasta a ideia de um olhar totalizante.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras - Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS, com estágio sanduíche na Universitat de Barcelona, Espanha. Professora Associada na Universidade Federal de Pelotas-UFPel.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e Letras - Teoria Literária - pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS. Professora titular da Escola de Humanidades - Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS. Pós-doutorado na Fundação Biblioteca Nacional de Lisboa. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D.

<sup>3</sup> OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da Literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996, p.5.

Ao nos debruçarmos sobre esta edição, encontraremos discussões que enfocam análises literárias de obras clássicas e contemporâneas, avaliações de políticas públicas de leitura, considerações sobre literatura e ensino, análises de produções de determinados recortes históricos, desde Brasil, Argentina, Espanha, Cuba, Portugal, o que constrói uma teia de relações, cujo fio condutor é a literatura infantil.

Marina di Marco analisa o gênero *canCIÓN de cuna*, a partir de produções contemporâneas, com uma abordagem crítica embasada no pensamento de Walter Benjamin. Na esteira das análises, o artigo de Cristina Prieto-PaÍno, Araceli García-Rodríguez e Raquel Gómez-DÍaz volta-se para os clássicos de Andersen, Grimm e Perrault e as adaptações feitas de seus contos para aplicativos de dispositivos móveis, apontando para o fato de que os títulos e personagens mais recorrentes da literatura infantil mantêm-se na literatura infantil digital. Thales Estefani igualmente centra-se nos clássicos, especificamente em duas versões atuais de *Chapeuzinho Vermelho*, para refletir sobre a manutenção e a modificação de temas e características para adequar a história à contemporaneidade. Mateus Dagios foca sua análise na obra *O Minotauro*, de Monteiro Lobato, para apontar o quanto seu escritor utilizou-se da temática da antiguidade clássica para exaltar seus valores e criticar o mundo moderno. Leila Rachel Barbosa Alexandre e Eliana da Cruz Castelo Branco estudam o livro ilustrado sem palavras *O menino vazio*, de Jean-Claude R. Alphen, e as estratégias de leitura criadas por adultos surdos, as quais diferem das estratégias de adultos não surdos, porque se relacionam às especificidades de suas características perceptuais e de suas práticas sociais. Já Aimée Bolaños analisa três obras do cubano Luis Cabreara Delgado *Tia Julia*, *Los calamitosos* e *Carlos, el titiritero*, e como a autoficção especular fantástica permite uma complexa visão de mundo que, de forma lúdica, desenvolve uma reflexão sócio-ética.

Na esteira da reflexão sobre políticas públicas, María Ayelén Bayerque volta seu olhar para uma política pública de leitura intitulada *Malvinas*, a qual reedita textos literários com o objetivo de dar-lhes nova materialidade, já que é destinada a um novo público: os jovens argentinos. Mariana Passos Ramalhete igualmente se debruça para as políticas públicas de leitura, indicando que o programa do governo federal *Conta para mim*, de 2020, exalta valores conservadores, negando às crianças o acesso à arte. Marta Passos Pinheiro e Jéssica Mariana Andrade Tolentino apontam para o perigo de políticas públicas de leitura que estabelecem critérios que valorizam uma concepção pedagógica da literatura infantil, vetando sua condição estética, e que impõem uma padronização das características gráfico-editoriais dos livros, promovendo o apagamento dos profissionais envolvidos, que é o caso dos editais do PNLD Literários de 2018 e 2020. SÍlvia de Fátima Pilegi Rodrigues e Renata Junqueira de Souza refletem sobre a atuação do mediador de leitura junto a crianças e jovens quando se depara com a censura de obras literárias que abordam temas considerados tabus. A pergunta que as autoras fazem é “existe literatura infantil inadequada?”.

Quando se trata do tema literatura infantil e ensino, Facundo Giuliano e Luisina Zanetti, a partir de uma entrevista com Noé Jitrik, desnudam seu pensamento acerca do ensino diante de um cenário que privilegia as experiências pragmáticas, os desejos e as leituras mercantis, e também sobre as potências e impotências da infância frente a este “abismo avaliador”. Antônio Maurício Medeiros Alves e Thais Philipsen Grutzmann buscam integrar áreas, desenvolvendo um estudo sobre o ensino de matemática através da literatura infantil, junto a uma turma de um curso de licenciatura em universidade pública. Karoline Batista dos Santos e Heloisa Toshie Irie Saito discutem o papel da literatura na educação infantil e também apresentam critérios para seleção de obras literárias para este público. Fabiano Tadeu Grazioli mostra a complexa relação entre a escola e a literatura infantil, e de como foi moldada pelos

princípios burgueses, tal qual aquela, e tenta, desde inícios do século XX, se desvencilhar. Caroline Dambrozio Guerra detém-se na discussão sobre o lugar e o papel do ensino de literatura no contexto escolar brasileiro, a partir da análise das obras *O aventureiro Simplicissimus*, de Hans Jakob Christoffel von Grimmelshausen, e a *Rainha Sabe*, de Monteiro Lobato, defendendo a importância do diálogo para o processo de formulação de sentidos e de construção de conhecimentos na formação de sujeitos. Carla Fernanda Brito Bispo e Heloísa A. Matos Lins centram seus olhares na literatura afro-brasileira e africana quando trabalhadas na escola com crianças. A partir da extração de dados de observação cotidiana, verificam que algumas escolhas literárias evidenciaram representações estereotipadas de personagens negros no enredo e na ilustração, o que aponta para a necessidade de uma educação antirracista nas escolas. Rosane Maria Cardoso estuda *Cartas a mi mamá*, de Teresa Cárdenas, para discutir racismo, identidade e recepção leitora, principalmente em sala de aula com leitores negros e não negros.

No que tange aos recortes históricos, o texto de Luciana Cristina Porfírio examina um catálogo literário destinado a crianças da 1ª série do primeiro grau, em fins da década de 1980. Ao se deter nos títulos, a autora indica que, apesar de o guia distanciar-se do pedagogismo, aponta para um psicologismo que afasta os aspectos literários, bem como eleva o apelo visual sobre o linguístico. Lucía Belén Couso, ao analisar textos literários publicados nos *Seminários - Taller de literatura infanto-juvenil*, da Universidad Nacional de Córdoba, entre 1969 e 1971, traça um panorama histórico que dá conta do lugar que ocupavam determinados agentes, dentro e fora do seu contexto de produção, na organização e promoção da literatura infanto-juvenil como objeto de crítica. Mila Alicia Cañón investiga os protocolos críticos da literatura infantil argentina de 1983, data do início do período democrático, até 2001, e as operações de leitura sobre o *corpus*, como a questão da infância e os adultos, a intrusão pedagógico-moralizante e a produção estética. Xabier Etxaniz e Karla Fernández de Gamboa Vázquez pesquisam a produção da literatura infantil e juvenil vasca, publicada em euskera, desde seu surgimento no começo do século XX até sua consolidação nos anos de 1990, para apontar sua evolução, repercussão e contribuição para a normatização linguística vasca.

Entendemos que a história da literatura infantil vem sendo escrita a partir de diversos olhares e que o gênero em questão transita pelas áreas do conhecimento, agregando discursos, criando vínculos, se fazendo presente em distintos sistemas que compõem a cultura de cada país. Nesse ir e vir, ela mostra uma liberdade de movimento, transformando-se, por vezes, no elemento primordial para a construção de algumas relações culturais.

Diante de todas essas reflexões, compreendemos que dificilmente daremos a este gênero um estatuto definitivo, tampouco determinaremos a forma como deve ser lido, olhado, encarado ou analisado. Assim, vemos nele uma liberdade de movimento digno de uma obra de arte complexa, pois podemos observar imagem, som, linguagem escrita, mídias distintas capazes de nos conceder um espaço amplo de movimento, semelhante ao que dá ao pequeno leitor, o qual não obedece regras para a realização da leitura.

Este número do *Caderno de Letras* contribui assim para a discussão e o estatuto da literatura infantil como gênero múltiplo, híbrido e complexo. Aos leitores, desejamos uma boa e produtiva leitura.